



O Livro Branco da UE para 2025

“A Europa não se fará de uma só vez, nem de acordo com um plano único. Far-se-á através de realizações concretas que criarão, antes de mais, uma solidariedade de facto”.

Robert Schuman, 9 de maio de 1950

Assim se lança o mote do [Livro Branco Sobre o Futuro da Europa](#), uma coletânea de reflexões e possíveis cenários para o horizonte de 2025, elaborado pelos líderes europeus a 1 de março de 2017.

O Livro Branco, inserido nas [Comemorações do Tratado de Roma](#), procura estabelecer as possibilidades de renovação e progresso com que a Europa se depara para a próxima década. De facto, a reunião dos 27 Chefes de Estado e de Governo em Roma no passado dia 25 de março de 2017, o centro do debate passou, efetivamente pela discussão sobre o futuro do projeto europeu.

Quando, em 1941, dois prisioneiros políticos detidos durante a II Guerra Mundial na Ilha de Ventotene, elaboraram o manifesto “Por uma Europa Livre e Unida”, o que procuraram foi lançar a epígrafe para a criação do projeto europeu, que viria a distinguir-se pela aposta da diplomacia em primado do uso da força. Hoje, 70 anos volvidos, envolvendo 500 milhões de cidadãos, edificada sobre os valores da dignidade humana, da liberdade, da diversidade, do respeito pelo Estado de Direito e da democracia, a **União Europeia foi o único mecanismo capaz de implementar uma paz duradoura no Velho Continente**, sobrevivente a crises económicas e de confiança.

Assim, aquilo que devemos perguntar aos líderes europeus, aos governos, aos cidadãos e a todos os parceiros da sociedade civil europeia é: “Que futuro para a Europa?”. É exatamente a esta questão que o Livro Branco procura responder, concebendo um total de cinco possíveis cenários, no espírito de que a UE a 27 avançará em conjunto e unida.

O **primeiro cenário** é, talvez, o mais previsível, no sentido em que se rege pela procura da continuidade das estratégias até aqui implementadas. Para tal, o caminho passaria por apostar em reformas que, a curto prazo, sejam positivas e que assegurem a sustentabilidade europeia a longo prazo. Esta estratégia seria concebida de acordo com as Orientações Políticas “Um novo começo para a Europa”, elaboradas pela Comissão em 2014, e com a [Declaração Bratislava](#) assinada pelos 27 em 2016. O objetivo seria promover resultados concretos e consolidar a importância europeia na definição da agenda mundial, **“assegurando a continuidade”**.

O **segundo cenário** proposto passa pela **aposta no mercado único**, em detrimento de outras áreas de atuação europeia. Tal não significa o esquecimento dos propósitos da União, mas consubstancia a necessidade de investir de forma convicta num domínio que permitiria a evolução e progresso europeus, requerendo uma maior cooperação em matéria de circulação de bens e capitais. O objetivo seria, diminuindo as áreas de atuação da UE, tirar partido de um maior e mais consolidado mercado único, que se veria no centro do orçamento comunitário.

O **terceiro cenário** propõe que os países com mais capacidade tenham mais poder de ação – **“fazer «mais» quem quiser «mais»**”. Ora, um país ou um conjunto de países que queira e tenha a possibilidade de investir mais em determinadas matérias comunitárias, seria livre de o fazer sem constrangimentos regulamentares, aprofundando a cooperação em áreas específicas, sobretudo na defesa, na justiça e na segurança. As restantes matérias continuariam a ser gerias por todos os Estados-Membros. A tomada de decisão torna-se, por um lado, despreendida de pressões, mas, por outro, mais complexa.

O **quarto cenário**, por sua vez, apresenta a possibilidade de investir mais nalguns domínios do que noutros: **“fazer menos com mais eficácia”**. A sugestão seria concentrar energias e meios apenas em algumas das áreas reguladas pela UE – nas outras seriam assegurados os mínimos para a sua manutenção. Em termos de política externa e de gestão de fronteiras, a cooperação seria reforçada, instituindo-se a União Europeia de Defesa. O grande desafio estará em encontrar um consenso quanto aos assuntos mercedores de prioridade na agenda comunitária e em evitar que a Europa se desenvolva a velocidades demasiado diferentes.

O **quinto e último cenário** será, talvez, o mais difícil de alcançar, baseado na ideia de reforçar a **“união”** em detrimento da **“europa”** – **“fazer muito mais todos juntos”**. Pressupõe o investimento na cooperação e na harmonização dos recursos e dos métodos próprios europeus, recentrando a União Europeia em si própria. Seria necessária uma aposta na modernização e na estabilização do euro, como ferramentas comunitárias. Aqui o obstáculo será a crítica que é já contra a noção de retirada de poder aos Estados-Membros, em favor da entidade supranacional.

As várias vias que a Europa pode adotar são distintas embora convirjam num ponto: o do progresso. Pode ser necessário mudar algumas estratégias, pode ser necessário fomentar algumas reformas ou até toda a estrutura comunitária, pode ser necessário compreender os limites da mudança e perceber qual o mínimo necessário a fazer para garantir o desenvolvimento.

“A ideia mais forte que transparece do Livro Branco é a das várias velocidades”.

António Vitorino, antigo comissário português

A ideia que subjaz ao Livro Branco é, na opinião de António Vitorino, a de que a Europa se vai desenvolver e progredir a diferentes ritmos. Este é talvez o grande problema ao qual o Livro não responde – são apresentadas várias soluções, que beneficiam mais uns países do que outros e vice-versa, mas não é apresentada apenas uma (i.e. comunitária). Neste sentido, numa União que nunca conseguiu unir vozes - uma vez que persiste a necessidade de todos os países se fazerem ouvir, ainda que digam o mesmo -, evitar um futuro conjunto trará apenas mais e mais profunda fragmentação. Ora, numa época em que os nacionalismos se multiplicam a par da crise de confiança institucional, a preocupação dos cidadãos será a garantia de um futuro próspero. A preocupação dos líderes europeus, por seu lado, será a de fazer ver aos cidadãos que a melhor solução é aquela que for melhor para todos, em conjunto com os parceiros sociais e a sociedade civil.

No entanto, urge não esquecer aquela que é, não só a divisa, mas também a vaidade da União Europeia: **“unidade na diversidade”**, respeitando todas as vontades. Assim, a estratégia do Livro Branco é a de levar o debate mais longe, promovendo **“Debates sobre o Futuro da Europa”** que envolvam os Estados-Membros, as cidades e regiões europeias e os membros da sociedade civil.

O propósito destes debates será desenvolver a reflexão em torno do futuro da Europa e os cenários para a Europa 2025, para que a opinião dos cidadãos seja tida em conta.

O que diz a Sociedade Civil?

A opinião da Sociedade Civil, deve ser, para os líderes europeus, tão ou mais importante que a voz dos Estados-Membros, uma vez que é ela que defende diretamente a voz dos cidadãos.

*“Nestes tempos incertos, os cidadãos europeus procuram um maior foco nos ‘valores europeus’. Procuram **bem-estar económico, social e ambiental**. Bem-estar económico na forma de prosperidade para todos e de redistribuição da riqueza. Bem-estar social na provisão de igualdade, serviços à disposição de todos e um reforço do tecido social que relacione todos. Bem-estar ambiental que resida num ambiente natural saudável que assegure a vida na Terra e proteja a nossa água e o nosso ar limpos.”*

*“Esperamos que vocês, líderes europeus, façam exatamente isso: tenham a coragem e a visão para liderar a transição para uma **Europa justa, sustentável, democrática e inclusiva**.”*

Concord Europe
(European NGO confederation for relief and development)

Há que manter presente a possibilidade de uma Europa diferente daquela que até então temos vindo a conhecer. Se o Livro Branco perspetiva cenários para o futuro, o presente será feito de escolhas mais complexas do que aquelas apresentadas, porque a realidade assim o exige. E é importante que os problemas presentes não só são solucionados como também não se repetirão no futuro.

Impera, por último, não esquecer Schuman. Se, no início, seria importante que realizações concretas promovessem a solidariedade, é agora essencial que o sentido de solidariedade não se perca quando forem implementadas novas realizações concretas – nenhum dos cinco cenários para o futuro da Europa será possível se não existir Europa.

Lisboa, maio de 2017

Rita Branco, Estudante

Fontes:

Livro Branco sobre o Futuro da Europa

Concord Europe

Público